

TÍTULO: DISCUSSÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO: DISCRIMINAÇÃO RACIAL E CONSTRUÇÃO DA PRÓPRIA IDENTIDADE

Autora: Gerlane Macêdo da Silva;

Coautoras: Elisenaide Bezerra Santos; Rosângela de Lima Cruz Rodrigues; Sandra Rodrigues Silva

Unigrendal Premium Corporate. E-mail: unigrendalcorporate@gmail.com

RESUMO: O tema pesquisado é de grande relevância para a sociedade, pois busca discutir sobre as relações étnico-raciais nas instituições de ensino e na comunidade como um todo. É notório a necessidade de explorar temáticas que tratem sobre as questões raciais, sobre o respeito a todas às pessoas independentemente da etnia. O trabalho tem como principal objetivo a disseminação do estudo da história e da cultura afro-brasileira nas escolas, buscando cessar a discriminação racial e tecendo esclarecimentos sobre a construção da identidade étnico-racial. O referido estudo foi desenvolvido com base em pesquisas e leituras bibliográficas que resultou em esclarecimentos em torno da temática. É considerável instruir-se também sobre as relações interpessoais e a tolerância racial nas escolas, pois é relevante que seja propiciado ao educando a oportunidade de conhecer a história dos seus antepassados. Portanto as conversas, os debates, a interação social entre diferentes grupos étnicos promovem esclarecimentos em torno do assunto explorado. Cada grupo étnico tem a sua cultura e sua história que merece ser contada aos seus descendentes e valorizada como parte de um todo que contribui com a diversidade de um país. A escola é uma das instituições relevantes na sociedade que pode contribuir com o debate, com as discussões que formará na mente das novas gerações um pensamento igualitário com relação aos direitos constitucionais dos cidadãos e também, com base no conhecimento das diferentes culturas, podendo assumir uma postura mais tolerante no que se refere ao outro, independente das diferenças de grupos. É em casa que se inicia o processo de socialização tendo continuidade na escola, sendo de grande importância que a criança negra possa ter na família uma referência positiva no que se refere ao contexto sócio histórico. Sendo assim a criança verá na família o alicerce que precisa para ter autoconfiança e mostrar-se segura diante das situações discriminatórias, na escola este processo deve ser promovido de forma contínua no decorrer dos anos para que seja consolidado dentro e fora das instituições de ensino a batalha contra a discriminação racial.

Palavras-chaves: Cultura, discriminação racial, escolas.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é de extrema relevância para a sociedade, pois trata de um problema social muito recorrente e que vem sendo transmitido de geração em geração ao longo dos anos. Em pleno século XXI com tantos avanços tecnológicos, modernizações e tanta informação ainda pode-se ver comportamentos tão primitivos no que se referi as relações étnicos-raciais.

A arma mais eficaz contra a descriminação é o conhecimento e reconhecimento de que o Brasil é formado por pessoas que descendem de diferentes grupos étnicos. Um grupo não é mais importante que o outro, cada um deu a sua contribuição na formação do povo brasileiro. Um

exemplo claro, “Na Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais”. (HALL, 2005, pág 62).

Há uma certa preocupação sobre a abordagem dos conteúdos relacionados à cultura afro-brasileira e africana nas escolas e com que frequência estes assuntos se fazem presente. As discussões contribuem com a construção do conhecimento dos educandos e também traz autoconhecimento e consciência da identidade de cada um. É de suma importância fazer alguns questionamentos para que se possa refletir e conhecer melhor a história dos antepassados que contribuíram com a construção do Brasil e sobre o continente africano que dispõe de riquezas e diversidade cultural. É necessário que cada pessoa se conheça, se aceite e construa uma identidade própria com base no reconhecimento e valorização de suas características físicas, sociais e consciência histórica.

Qual o motivo de não falar sobre a história e culturas afro-brasileira e africana com maior aprofundamento? Pouco se fala a respeito da grandiosidade da África em termos sociais, políticos, religiosos, econômico, histórico e cultural, pois não é dada a devida importância a história do povo afro-brasileiros como deveria. Precisa-se difundir nas nossas escolas a história do povo que ajudou a construir o Brasil e que influenciou a cultura brasileira, fazendo-se necessário a socialização e o esclarecimento dos assuntos referentes à discriminação étnico-racial. As pesquisas e leituras sobre o tema contribuíram para a elaboração de ideias a respeito do tema pesquisado.

Depara-se muitas vezes com abordagens superficiais que deixam implícita fatos importantes. Aspectos do cotidiano escolar como currículo, material didático e relações interpessoais são hostis e limitadores de aprendizagem para os(as) alunos(as) negros(as). Nesses espaços, as ocorrências de tratamentos diferenciados podem conduzir, direta ou indiretamente, à exclusão deles(as) da escola, ou ainda, para os(as) que lá permanecem, à construção de um sentimento de inadequação ao sistema escolar e inferioridade racial. Como consequência, a população negra apresenta os piores indicadores educacionais nas taxas de analfabetismo. (CAVALLEIRO,2005, pág.69). De acordo com os dados educacionais organizados pelo o movimento Todos pela Educação mostra que segundo os dados coletados pelo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

As desigualdades sociais são reforçadas na educação. A taxa de analfabetismo é 11,2% entre os pretos; 11,1% entre os pardos; e, 5% entre os brancos. Até os 14 anos, as taxas de frequência escolar têm pequenas variações entre as populações, o acesso é semelhante à escola. No entanto, a partir dos 15 anos, as diferenças ficam maiores. Enquanto, entre os brancos, 70,7% dos adolescentes de 15 a 17

anos estão no ensino médio, etapa adequada à idade, entre os pretos esse índice cai para 55,5% e entre os pardos, 55,3%. No terceiro ano do ensino médio, no final da educação básica, a diferença aumenta: 38% dos brancos; 21% dos pardos; e, 20,3% dos pretos têm o aprendizado adequado em português. Em matemática, 15,1% dos brancos; 5,8% dos pardos e 4,3% dos pretos têm o aprendizado adequado. (TOKARNIA,2016).

A pesquisa foi realizada com o propósito de promover nas escolas discussões frequentes a respeito das relações étnico-raciais, com o objetivo de cessar a discriminação racial e promover a construção da própria identidade. Que um dia as pessoas possam olhar umas para as outras sem que seja feita comparações negativas com relação as características físicas de cada um, que não haja deturpação da figura humana, que o respeito ao outro seja primordial no rol dos princípios morais e que o altruísmo seja uma prática constante na rotina de todas as pessoas.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido com base em algumas pesquisas bibliográficas tais como leituras de capítulos de livros, periódicos e artigos que auxiliaram na compreensão das questões analisadas sobre as discussões étnico-raciais na educação. Com a pesquisa busca-se aprofundar os conhecimentos acerca de tais discussões como também combater a discriminação racial, promovendo a inclusão social. É necessário que as discussões sobre as relações étnico-raciais estejam presentes nas escolas e fora delas para que haja cada vez mais esclarecimentos e diminuição da discriminação racial. Na verdade a discriminação deveria ter sido exterminada juntamente com a abolição da escravatura, mas o preconceito ficou impregnado em pessoas de mentalidade oclusa, pessoas intolerantes aos que são diferente de si. “Todo esse processo de aquisição de conhecimentos e de formação de atitude respeitosa, de reconhecimento da participação e contribuição dos afro-brasileiros na sociedade brasileira requer que preconceitos e discriminações contra este grupo sejam abolidos”. (MUNANGA, 2005, pág.158).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A DISSEMINAÇÃO DO ESTUDO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS

Vê-se a necessidade de falar sobre as questões étnico-raciais para que se propicie um certo conhecimento e esclarecimento em torno do assunto, garantindo que o povo afro-brasileiro seja reconhecido e valorizado. Os africanos quando aqui chegaram trouxeram consigo crenças,

costumes, arte, ou seja trouxeram um pouco da própria cultura, que contribui com a diversidade cultural existente no Brasil.

A escola é uma das instituições que pode tratar com maestria sobre as relações étnico-raciais e sobre a cultura afro-brasileira. Trabalho que deve ter início na educação infantil e tendo sua continuidade nos níveis seguintes. Temas como discriminação racial, pode ser inserido na organização do conteúdo anual e não somente ser trabalhado no dia 20 de novembro em que se comemora o dia da Consciência Negra. Diversas ferramentas existentes como a literatura, a contação de histórias, lendas, brincadeiras, músicas, danças, diferentes alimentos, as palavras de origem africana, os animais e as plantas que foram trazidas da África e enriqueceram a nossa fauna e flora, são conteúdos a serem estudados, aumentando o nível de conhecimento dos alunos.

Geralmente não se admira o desconhecido, portanto há a necessidade de se conhecer a origem da cultura afro-brasileira e assim despertar nas pessoas o devido respeito pelos descendentes de africanos. São muitas as lutas contra a diminuição e desvalorização atribuída à história das pessoas negras que foram escravizadas. Após a segunda metade do século XX os movimentos sociais começaram a exigir melhores formas de tratamento contra as discriminações sofridas no dia a dia. Líderes do movimento negro indicam sobre a necessidade de normas que conduzam a elaboração de projetos que sejam dedicados a elevar e atribuir a devida importância a história, a cultura e as pessoas afro-brasileiras e africanas. Em 09 de janeiro do ano de 2003 foi criada a lei 10.639/2003 que altera a lei 9.394/1996 e insere o ensino da história e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio. O então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva compreende as reivindicações dos movimentos sociais negros e proporciona a oportunidade de um ensino igualitário que adere a história dos povos que foram importantes na concepção do nosso país. É realmente necessário uma educação voltada para as relações interpessoais que possa amenizar os problemas causados pelas discriminações étnico- raciais.

A imagem que se tem dos africanos é uma imagem triste, de um povo que vive em extrema pobreza e que tiveram os seus ancestrais escravizados. A mídia televisiva mostra uma população que vive em total miséria.

O continente africano é um grande produtor e exportador de produtos oriundos da produção agrícola, no entanto não consegue alimentar sua população. A África apresenta um elevadíssimo número de subnutridos, isso lhe dá a condição de pior do mundo nesse aspecto. O continente se caracteriza pela presença da fome, realidade que aumenta a cada dia. Os países que mais sofrem com a fome são: Etiópia, Somália, Sudão, Moçambique, Malavi, Libéria e Angola. Alguns dos fatores que favorecem a proliferação da fome no continente

são: Ocupação de grande parte das terras para o plantio de culturas monocultoras destinadas à exportação, portanto não produzem alimentos que abastecem o mercado interno; Grande ocorrência de desertificação, em razão da ocupação de áreas impróprias para agricultura; Os conflitos étnicos que resultam em guerras civis. De acordo com (FREITAS, [200-?]).

De fato essa é uma realidade vivida por muitos na África. Mais precisamente 150 milhões de africanos não consomem à quantidade mínima de calorias diárias de acordo com uma pesquisa realizada pela ONU (Organização das Nações Unidas).

Mas existe o outro lado da moeda. A África é o terceiro continente mais extenso e o segundo mais populoso composto por 54 países. Tem o rio Nilo, o segundo mais extenso do mundo, tendo ainda outros rios que são de menor extensão, mas que são muito importantes. Na Argélia, que fica no Norte da África, o principal produto econômico é o petróleo e o gás natural. Marrocos e Tunísia são exportadores de fosfatos usado na fabricação de fertilizantes. O deserto do Saara se estende por uma diversidade de países que, devido ao seu solo árido e o clima predominante ser o desértico, não são propensos às atividades econômicas. A agricultura é possível junto aos oásis e em locais de pouca extensão do litoral. Mas o subsolo contém riquezas naturais como as reservas de petróleo, gás natural, ferro e urânio. A África Ocidental tem a agricultura como a principal atividade econômica, na qual plantam produtos como o café, cacau, o amendoim, banana e outros para a exportação. Na África Central uma das atividades econômicas é a agricultura. No Zaire e Angola as jazidas de cobre, cobalto, manganês e ferro são importantes minerais. A extração de madeira reforça a economia da região.

A África Oriental é composta por dez países: Eritreia; Etiópia; Djibuti; Somália; Quênia; Tanzânia; Uganda; Ruanda; Burundi e Seychelles. A base econômica da África Oriental é a agricultura tendo o café e o algodão exportados. Os recursos minerais são escassos limitando-se em pequenas jazidas de ouro, platina, cobre, estanho e tungstênio. Já na África Meridional a principal economia são as reservas de minério, na África do Sul são o ouro, diamantes, cromo e o manganês e na Zâmbia são o cobre e o cobalto. A agricultura e a agropecuária também fazem parte da economia local. A África do sul concentra a maioria das indústrias do continente, especificamente nas regiões metropolitanas de Joanesburgo, Cidade do Cabo e Durban.

Infelizmente, o que prevalece são as imagens negativas e estereotipadas que a mídia noticia, generalizando os problemas recorrentes em alguns países da África, deixando-se de mostrar as potencialidades e a rica diversidade cultural existentes em diversas áreas do Continente africano. As

informações sobre as culturas existentes no continente africano devem ser mostradas nas escolas para que possam ser conhecidas pelos educandos, possibilitando a construção do conhecimento e a noção da realidade vivida na África.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL

A criança normalmente vai construindo a própria identidade através de experiências vivenciadas no meio em que está inserida. Ela observa comportamentos e atitudes e acaba absorvendo o que lhe é mostrado intencionalmente ou não. Por tanto, uma pessoa que tem a identidade construída com base na valorização da própria origem, dos aspectos físicos e sociais, terá mais chance de ser um (a) adulto (a) que apresentará uma maior satisfação em tudo que esteja relacionado a si.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2005, pág 10.)

Nem todas as pessoas se veem como realmente são, podendo não se aceitar, não gostar da própria aparência. Algumas pessoas não reconhecem a herança genética que trazem em seu DNA. Não é entendível ver toda a história do povo africano ser contada resumidamente, de maneira tão sorradeira e injusta. A mídia mostra um padrão de beleza baseada nas características eurocêtricas e acaba supervalorizando as pessoas brancas, colocando assim os negros a margem da sociedade.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2014 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que, no critério de declaração de cor ou raça, a maior parte da população brasileira residente, um total de 53,6%, é negra, a combinação dos autodeclarados pardos (45%) e pretos (8,6%), um total de 109,8 milhões de pessoas. (FONTE: AGÊNCIA BRASIL).

Se os negros e pardos são a maioria, não faz sentido que apenas o grupo das pessoas brancas sejam notadas nos mais diversos contextos sociais. Uma minoria que se articula para querer padronizar toda uma nação, como os portugueses que aqui chegaram tentando anular a cultura do povo indígena. E com alguns dos africanos simplesmente escravizados e tratados como objetos. O Brasil é formado por vários grupos étnicos e a diversidade existente neste país precisa ser colocada em destaque. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade”. (HALL, 2005, p.17)

Diante de tamanha atrocidade cometida pelos os próprios africanos que vendiam os capturados de grupos mais fracos, os que serviam como objetos de penhora por causa de dívidas, outros eram trocados por comida como se fossem simples objetos. Pode-se constatar que o sentimento de superioridade e de poder sobrepõe o sentimento de irmandade, embora pertencessem a diferentes tribos. O fortalecimento de um grupo tem como base a união, o respeito entre as pessoas.

Muitos tornam-se frágeis e com baixa estima devido o tratamento discriminatório que recebem em casa, por parte dos próprios familiares. Existem casos de crianças que se sentem tristes e deprimidas com relação a própria aparência, por serem comparadas com outras crianças de pele mais clara, de cabelo liso e/ou por ouvirem certas expressões com conotação pejorativa por parte da própria família ou pessoas próximas. A identidade é construída a cada nova experiência vivida, pois alguns atos de linguagem, certas expressões ditas por pessoas que fazem parte do convívio da criança, contribui para a construção de um olhar negativo dela mesma. “Assim, a socialização que se inicia na família e se amplia com o convívio escolar, ao invés de ser uma experiência positiva no desenvolvimento da criança negra, acaba sendo um fator negativo na constituição de sua auto-imagem”. (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA,2011, p.56). Deve-se ajudar a criança na construção da própria identidade, mostrando aspectos positivos que traga sentido a sua existência enquanto ser social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras em torno do tema pesquisado esclarece diversas questões que muitas vezes estão ocultas nas mentes das pessoas. A falta de conhecimento sobre a história e as culturas dos diferentes grupos acaba por restringir o campo das relações étnico-raciais. Portanto uma nação não pode ser vista como se tivesse uma única cultura, cada grupo deve ter o seu reconhecimento e sua

valorização cultural destacada. Por isso é importante que nas escolas sejam trabalhados os temas que tratam da história e culturas africana, discriminação étnico-racial e construção da identidade.

É em casa que se inicia o processo de socialização tendo continuidade na escola, sendo de grande relevância que a criança negra possa ter na família uma referência positiva no que se refere ao contexto sócio histórico. Sendo assim a criança verá na família o alicerce que precisa para ter autoconfiança e mostrar-se segura diante das situações de discriminação, na escola este processo deve ser promovido de forma contínua no decorrer dos anos para que seja consolidado dentro e fora das instituições de ensino a batalha contra a discriminação racial.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. et al. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos e conceituais**. São Paulo: Centro de estudos das relações de trabalho e desigualdades-CEERT, 2011.

EDUARDO, de Freitas. **As principais causas da fome na África**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/as-principais-causas-fome-na-africa.htm>>. Acesso em: 06jul.2017. de Janeiro: DP&A, 2005.

Fonte: Agência Brasil. **Maioria da população brasileira é formada por negros, aponta IBGE**. Disponível em: <<http://www.capitalteresina.com.br/noticias/brasil/maioria-da-populacao-brasileira-e-formada-por-negros-aponta-ibge-34517.html>>. Acesso em:03 de jul.2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

MARIANA, Tokarnia. **Educação reforça desigualdades entre brancos e negros**, diz estudo. Fonte: Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>>. Acesso em: 09 set.2017.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional** : Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MOREIRA, A. F. e CANDAU, V.M. **Multiculturalismo; Diferenças Culturais e Práticas pedagógicas**. 2. Ed- Petrópolis.RJ: Vozes, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Revisada. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO,2005.

SOUZA, E. G. R. **História e Cultura Afro-brasileira** (lei Nº 10.639/2003): Um Desafio Para a Educação Física Escolar. Disponível em:<<http://cev.org.br/biblioteca/historia-cultura-afro-brasileira-lei-n-10639-2003-um-desafio-para-educacao-fisica-escolar/>>. Acesso em: 05 de jul.2017.